



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

A análise moral nietzschiana: aspectos da dupla moralidade

Tatielle Santana da Silva

**Seropédica/RJ
2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**A análise moral nietzschiana:
aspectos da dupla moralidade**

Tatielle Santana da Silva

Monografia apresentada ao curso de
Filosofia da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro como requisito para a
obtenção do grau de Licenciada em
Filosofia, sob orientação do Prof. Dr.
Danilo Bilate de Carvalho

Seropédica/RJ
2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho e toda minha graduação aos meus pais, sem eles eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Andrea, agradeço a paciência, o apoio a todas as minhas decisões, os conselhos, os abraços e as palavras de paz em todos os momentos, principalmente nos de angústia e insegurança. Sei que enquanto eu a tiver comigo, me sentirei capaz de tudo.

Ao meu pai, Ed, que carrego comigo em pensamento, mesmo não podendo me ver formar. Sei o quanto ele era empenhado e o quanto se dedicou para me dar as oportunidades que tive. Tenho comigo cada conversa e cada carinho e sei o quão importante esse momento seria para ele.

Além da minha família, tenho grande respeito e gratidão por todos os professores, sem exceções. Foram todos importantes para minha formação.

Não poderia deixar de agradecer ao professor Danilo Bilate por toda paciência e empenho comigo, que compreendeu e respeitou todo o espaço que precisei para concluir esta monografia, o que não foi uma tarefa simples.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os colegas de curso com quem tive alguma troca. Todas elas, com certeza, contribuíram para eu chegar até aqui de alguma forma.

Em que acredita você? — Nisto: que os pesos de todas as coisas precisam ser novamente determinados.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo percorrer as formulações de Nietzsche a respeito da dupla moral reconhecida por ele em suas obras, tendo como principal foco a terceira fase da filosofia de Nietzsche. O centro dessa investigação é principalmente a obra *Genealogia da Moral*, na qual o autor apresenta uma investigação genealógica acentuada sobre a moral, expondo suas ideias sobre a moral superior nobre e a moral dos escravos, responsáveis por tipos de valorações que vigoraram no mundo e constituíram a moral que conhecemos. Além disso, o objetivo é evidenciar os caminhos que a moral vigente tomou no aprisionamento do homem e na sua domesticação, por meio de pressupostos que se encontram fora do mundo e contrários à natureza humana.

Palavras-chave: Moral; Juízo de valor; Nobre; Escravo; Transvaloração.

ABSTRACT

This work aims to cover Nietzsche formulations regarding the double morality recognized by him in his works, with the main focus being the third phase of Nietzsche's philosophy. The center of this investigation is mainly the work *Genealogy of Morals*, in which the author presents an accentuated genealogical investigation into morality, exposing his ideas about superior noble morality and the morality of slaves, responsible for types of valuations that prevailed in the world and constituted the morality we know. Furthermore, the objective is to highlight the paths that current morality took in imprisoning man and in his domestication, through assumptions that are outside the world and contrary to human nature.

Keywords: Moral; Value judgment; Noble; Slave; transvaluation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A DUPLA MORAL	10
2. SOBRE A MORAL NOBRE.....	15
2.1- DO PATHOS DA DISTÂNCIA.....	16
2.2- OS APRECIADORES DA VIDA.....	18
3. SOBRE A MORAL ESCRAVA	20
3.1- INVERSÃO DOS VALORES MORAIS	22
3.2- CRISTIANISMO COMO VENENO	24
3.3 - MORAL DO COSTUME.....	28
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

“A questão da origem dos valores morais é para mim, portanto, uma questão de primeira ordem, porque condiciona o futuro da humanidade.”¹ Em um pequeno resumo, pode-se dizer que aqui se encontra a principal questão dos trabalhos de Nietzsche, seu maior incômodo: sua curiosidade com o passado; seu inconformismo com o presente; e preocupação com o futuro.

A preocupação de Nietzsche se dá justamente por notar o caminho que a humanidade estava tomando e entender que as formas de organização que se encontravam na sua época obedeciam uma valoração decadente. Em uma pesquisa genealógica, o autor reconhece a existência de uma dupla moralidade na qual se destaca a moral dos nobres e a moral dos escravos.

A primeira moral reconhecida por ele é a nobre: atribuída a homens de poder, valentes e vigorosos. Logo se definiu uma hierarquia entre o que seria bom, ou seja, as ações que iam ao encontro de sua natureza; e, por contraste, o inferior: aquilo que destoava deles era visto como ruim, atitudes baixas que demonstravam fraqueza opostas às da aristocracia nobre. Por vingança e até por sobrevivência ocorreu o que Nietzsche chama de inversão dos valores morais. Com o passar do tempo, o ódio dos fracos, dos denominados escravos, cresceu a ponto de transformar o valor, de conseguirem colocar em prática a sua maior vingança, e a partir desta invertida, ações não egoístas ganharam um novo significado dentro da lógica da moral escrava.

Nietzsche observa que o declínio do homem se relaciona diretamente com essa inversão, e tudo que se soma a esse movimento corrobora para um apequenamento do homem e da vida. É certo que o incômodo do homem conhecido por filosofar a marteladas está na moral vigente, que, na sua difusão, apresenta um perigo e encaminha a humanidade para um abismo que ele chama de niilismo, que seria essa perda da vontade, sobretudo a vontade pela vida.

No presente projeto, cabe a intenção de demarcar a moral nobre e a moral escrava sob o ângulo de análise de Nietzsche, assim como percorrer alguns pontos chaves para o entendimento dos tipos presentes em cada moral. Será trabalhada no primeiro capítulo a

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*, “Aurora”, §2.

identificação da dupla moralidade, na diferença entre “bom” e “ruim” e “bom” e “mau”. No segundo capítulo será evidenciada a constituição nobre assim como sua superioridade, contemplando a sua constituição física e psíquica. No terceiro capítulo, será percorrida a transvaloração escrava, além disto os aspectos religiosos e tradicionais como medida para a inversão moral. Isto na tentativa de evidenciar as marcas da decadência encontradas no tipo escravo, assim como as marcas de superioridade no tipo nobre.

1. A DUPLA MORAL

Nietzsche, principalmente na sua terceira e última fase, trouxe à tona uma de suas mais fundamentais questões: como se formaram, ou melhor, como foram criados os juízos morais. É certo que dentro da teoria nietzschiana não caberia buscar respostas em entes alheios aos homens. As respostas mais fiéis às questões que tanto o incomodavam, a respeito dos fundamentos dos juízos que se perpetuam na atualidade, tiveram como principal ferramenta a história. Esta é uma grande aliada nessa empreitada e nos fornece uma maneira de compreender os modos e os motivos para a forma que os juízos de valores ganharam, contemplando primordialmente os valores de “bom” e “mau” e o “bom” e “ruim”, reconhecendo o perspectivismo sob o qual se formaram estes conceitos, sendo este um outro aspecto fundamental que contribui para uma pesquisa que de fato consiga circunscrever a origem da moral.

Dentro da análise feita na *Genealogia da moral*, pôde-se compreender a intenção de se propor uma teoria crítica a respeito dos princípios morais tidos como absolutos dentro de uma sociedade dominada pelos valores religiosos. Então, entender a origem e construção da moral demandava uma busca em fontes mais profundas que superassem a perspectiva usual.

A questão da moralidade e de seus preconceitos sempre interessou Nietzsche, principalmente suas origens. No decorrer de seus estudos, algo que lhe ocorreu era que o estudo da moral, até o momento, era algo que carecia de uma fundamentação histórica, que necessitava de um espírito histórico para moldá-lo. Os genealogistas anteriores a Nietzsche já demonstravam sua incapacidade de pesquisa para analisar as raízes dos valores morais ao apresentar o juízo “bom” superficialmente associado à sua serventia,

sua utilidade.² É através dessa carência genealógica no reconhecimento dos valores que o autor passa a investigar o surgimento dos valores, e torna clara a necessidade de uma crítica dos valores morais colocando em pauta o próprio valor desses valores.

As ideias que fundamentam a crítica aos valores morais nietzschianos fazem parte de um projeto. Em *Humano Demasiado Humano* já se notavam expressões incisivas sobre uma dupla história do bem e do mal, que se desenvolveram “primeiro, na alma tribos e castas dominantes” e a que se ergueu sobre onde estes residiam, “depois, na alma dos oprimidos, dos impotentes”³. No primeiro caso, ser “bom” estava associado a ter o poder para pagar o “bem” como “bem” e o “mal” com “mal”, ou seja, é o poder da retribuição que separa os “bons” dos “maus”, já que os maus nessa perspectiva se encontram submissos, sem força para retribuir os afetos. No segundo caso, o “mau” é o outro, cria-se o inimigo “mau” e o autor nos alerta que onde se predomina esse tipo de valoração nota-se um declínio. Já se percebe algumas demarcações, a de um tipo nobre e um tipo escravo, e o perigo do moralismo que fantasia o inimigo “mau”.

O ponto de partida de Nietzsche se dá no reconhecimento de duas morais que se fundamentaram no decorrer da história, na oposição entre “bom” e “ruim”; “bom” e “mau”, ou melhor dizendo, na oposição entre a moral nobre e a moral escrava. Observando a história e o que emerge dela, fica nítido o entendimento de que o juízo “bom” advém dos que se encontravam em posição superior, pois estes tiveram o poder para estabelecer o “bom”, usando a si e suas ações como base dessa construção, e em sua oposição floresce o “ruim” como antítese dos seus padrões de vida e pensamento, aquilo em que se enquadra a plebe.

Uma das grandes evidências encontradas que fortalece essa premissa de Nietzsche é o “direito senhorial de dar nomes”.⁴ A pesquisa etimológica tornou ainda mais forte a ideia de “bom” ligado ao que era vigoroso e “ruim” ao que era decadente, que era evidente na construção das palavras, na semelhança dos signos utilizados em cada classe de palavras, nas palavras de designação nobre e nas palavras de designação plebeia.

O rumo de sua investigação genealógica aponta que o juízo nobre “bom” foi o primeiro a se estabelecer. Segundo esse princípio, o “bom” foi associado aos grandes

² NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §2

³ NIETZSCHE, Friedrich. *Humano demasiado humano*, §45.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §2.

homens, aqueles que se sentiam como homens de uma categoria superior e de fato o eram. eles se autoafirmavam e sentiam-se realizados ao agir como desejavam e eram acometidos por um bem-estar que os dava a confiança para se erguerem diante dos demais. Eles enfrentavam com valentia seus desafios, não se acovardando diante de conflitos, esse era seu modo de ser.

Esse ideal clássico do homem conquistador, que dominava os que, comparados a eles, se mostraram fracos, indica apenas sua natureza feroz. Estes reservaram a eles, a suas ações e maneira de vida, e a todos os seus herdeiros em força e vivacidade o atributo “bom”. Segundo os caminhos históricos, é desta caracterização de "bom" que se desdobra o “ruim”, que seria aquilo a que seriam remetidos os que se caracterizam, em maneira de ser como contrário aos bravos e nobres. O “ruim” é aquele que surge a partir da afirmação da diferença entre os nobres e os escravos. E a nuance que permite que um se sobreponha sobre o outro é o fato dos escravos serem fracos, passivos, débeis, que se mostraram impotentes, daí surge a valoração “ruim” que se aponta aos escravos.

A prosperidade da moral nobre, segundo Nietzsche, foi o suficiente para que fosse arquitetada pelos sacerdotes a maior de suas vinganças: a inversão dos valores morais. Nessa inversão, o que se caracteriza como “bom” transformou-se no “mau” e, em consequência, o “ruim” tornou-se o “bom”. Essa transvaloração nasce de uma vingança, de um ódio que só os escravos são capazes de cultivar, devido a sua incapacidade de reação, sobrando aos escravos negar as virtudes nobres e fazer delas títulos de crueldade, de ações indignas e inimigas dos “inocentes”, que prezam pela paz, pela fé e pelo amor.

A mudança é tão drástica que não só a postura do homem muda como o seu ambiente passa a ser outro. O homem agora busca por seu zelo, troca o revidar pelo apaziguar, o livre ser pela subserviência. A consciência escrava reduz o homem a um animal manso, civilizado, doméstico, e o mundo no qual vive pouco importa. Suas ações apontam para um outro mundo, um mundo suprassensível, no qual os bons serão recompensados e os maus castigados. A santidade e a restrição foram a fuga que os escravos encontraram para não ter que lidar consigo mesmo, fugindo do seu eu verdadeiro. Esse golpe da moral escrava que falseia a verdadeira natureza é exposto por Nietzsche da seguinte forma:

[...] — e a impotência que não acerta contas é mudada em 'bondade'; a baixeza medrosa, em 'humildade'; a submissão àqueles que se odeia em

'obediência' (há alguém que dizem impor esta submissão — chamam-no Deus). O que há de inofensivo no fraco, a própria covardia na qual é pródigo, seu aguardar-na-porta, seu inevitável ter-de-esperar, recebe aqui o bom nome de 'paciência', chama-se também a virtude; o não-poder-vingar-se chama-se não-querer-vingar-se, talvez mesmo perdão ('pois eles não sabem o que fazem' — somente nós sabemos o que eles fazem!'). Falam também do 'amor aos inimigos' — e suam ao falar disso.⁵

Nota-se a partir desse ponto que os ideais puros da natureza humana passam a se esconder por trás de falsas promessas de compensação, e as fraquezas passam a ser vistas como virtude. Podemos observar em que ponto se inicia a decadência do homem: no regulamento de seu comportamento, e até na repressão de seu ser. Quando a moral do homem comum vence, o que sobra aos homens é tentar ser “bom”, mas segundo essa moral, ser bom é ser fraco, então todos os ideais dos guerreiros (da boa saúde, do bem viver, do se arriscar, da verdadeira felicidade em ser e não medir esforços para ser o melhor) são sucumbidos pelos ideais sacerdotais: de refugiar-se, de vingar-se e esconder-se de si privando-se de seus anseios em busca da boa-venturança. A mediocridade domina os desejos dos homens, que não mais almejam tornar-se maiores, e o que se vê não são mais homens virtuosos no seu mais puro sentido, mas sim homens decadentes.

Nietzsche reconhece que o nivelamento entre os homens não existe, e que, ao contrário, os homens e suas organizações são marcados por suas diferenças. Mas o que se dá é que a moral dos comuns reina há tanto tempo que consolidou uma ideia de paridade entre os homens, e qualquer tentativa de livrar-se desse nivelamento é tomada como egoísmo. Para o grupo mais fraco pertence ao seu pensamento que todos somos iguais, seja perante a lei ou perante a Deus. Esses grandes veículos da disseminação da crença na igualdade não passam de medida de segurança, e a maior defesa para o impotente. Todos serem iguais impede aqueles que naturalmente se encontram em posição superior de agirem de acordo com sua força.

O que o autor mostra com sua genealogia é que a moral é uma construção humana mutável, que encontra sua forma a partir dos interesses de quem os grafa na sociedade. O projeto nietzschiano se compromete a apresentar as duas grandes expressões da moral ocidental, a dizer, a nobre e a escrava, para que consigamos entender o que

⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §14.

somos realmente e o que fingimos ser por estarmos inseridos numa moralidade dos impotentes. Fica claro o caminho que o homem vem tomando que o reprime e o tira a vontade de ser e seu propósito de existir, e o que ele pode vir a tornar-se novamente se assumir sua natureza e toda a sua potencialidade, assumindo a possibilidade de uma renúncia à moral escrava, para servirem a si próprios.

Poderíamos falar então de uma moral da diferença e uma moral da igualdade, uma movida pelo desprezo e a outra pelo ressentimento. São dicotomias infinitas e as diferenças nítidas entre elas podemos encontrar a sua construção, enquanto a moral nobre nasce de um afirmar-se, a escrava nasce de uma negação, uma é inerente a outra apenas uma imagem invertida. A questão que fica ao demarcar ambas as morais é o que elas significam para o homem e principalmente para a vida, até onde colaboram para sua manifestação e até onde são limitantes.

Entender essas expressões da moral nos apresenta tanto o que há de natural no homem quanto o que foi forjado. Esse é o grande propósito da pesquisa genealógica: compreender os caminhos e as motivações que colocam a moral vigente num lugar quase inquestionável, e para isso é preciso reconhecer e entender as duas morais, a moral nobre e a moral escrava.

2. SOBRE A MORAL NOBRE

Nietzsche declara que duas castas foram capazes de estabelecer valores morais associados a si. A primeira que se destacou foi a casta dos guerreiros, dos nobres, que por ele mesmo foi definida como superior:

Os juízos de valor cavalheiresco-aristocrático têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente.⁶

Nietzsche carrega muito bem definido um tipo nobre de homem, superior por sua natureza. Assim, categoriza a guerra a luta por soberania como algo muito mais significativo que o amor ao próximo. Ou seja, entende-se como pertencente a uma estirpe superior, produtora de grandes acontecimentos, a capacidade e habilidade com o que é ofensivo muito mais do que com o inocente. É evidente que a ideia de homens que se aproximam mais da vida e que não a desprezam é tida como superior pelo autor. Na categoria de homem superior ele coloca aqueles que não se submetem a padrões fracos e são senhores de si mesmos, e que, por isso, se destacavam:

Toda elevação do tipo “homem” foi até o momento, obra de uma sociedade aristocrática — e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido.⁷

Algo presente na moral vigente é a necessidade de igualar os homens que é contrária na moral senhorial cavalheiresca, que em momento algum tenta igualar os homens e é justamente na sua diferença que elas se destacam. A ideia de homens fortes e superiores está atrelada à de homens de uma categoria inferior, e torna-se possível pela diferença. É aqui que se nota com clareza a superioridade.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §7.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, § 257.

2.1 DO PATHOS DA DISTÂNCIA

A análise do filósofo percorre alguns pontos, mas sua questão principal era saber sob que condições o homem criou para si os juízos de valor “bom” e “mal”.⁸ Nota-se que Nietzsche emprega ao homem toda e qualquer responsabilidade sobre os valores. Para ele, bastava observar por qual perspectiva esses valores estavam sendo empregados, ou melhor, por quem. Scarlett Marton faz uma análise clara a respeito do incômodo geral em buscar em entes fora do mundo respostas para o que só poderia estar contido nele:

Se até agora não se pôs em causa o valor dos valores "bem" e "mal", é porque se supôs que existiram desde sempre; instituídos num além, encontravam legitimidade num mundo suprassensível. No entanto, uma vez questionados, revelam-se apenas “humanos, demasiado humanos”; em algum momento e em algum lugar, simplesmente foram criados. Assim o valor dos valores está em relação com a perspectiva a partir da qual ganharam existência.⁹

Assumindo essa visão, dentro desta moral nobre o significado de bom e ruim partiria unicamente da própria elite senhorial. Um ponto que se destaca na análise do filósofo é justamente a sobreposição dos nobres devido a sua capacidade e necessidade de dominação para além do seu natural vigor. Contrária e crítica à visão moderna e cristã sobre os valores, a demonstração da moral nobre como a mais próxima até agora da natureza humana desenha o projeto nietzschiano para os homens do futuro, aquele que por alegorias ele tentou apresentar com seu Zaratustra.

Tendo em vista que o nobre foi o primeiro a nomear e dar sentidos aos valores, é notável que esse poder nomeador foi fundamental para estabelecer as hierarquias. A construção do juízo “bom” e “ruim” estabelecida pelos nobres está diretamente relacionada a uma distinção.

A ideia que se tinha até Nietzsche empreender sua investigação era a de que os juízos sempre foram da mesma maneira, cunhados para louvar ações não egoístas. Mas essa resolução apresentava graves erros, pois estava traçada em termos aquém à realidade, como o hábito e a utilidade e nada se apoiava na história. Se eram as ações não egoístas

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, prólogo, §3.

⁹ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 43.

tidas como boas e as egoístas como más, quem as cunharam era os beneficiados por tais ações, e, se assim fosse, os únicos beneficiados por ações não egoístas seriam os fracos. Longe disso os primeiros a estabelecerem o que seria “bom” foram os próprios, os nobres e superiores em força e pensamento. Eles, sim, estabeleceram para si e seus modos o adjetivo “bom” e a partir de um pathos da distância cunharam valores.

Para uma compreensão mais clara do pathos da distância, segundo o pensamento do próprio autor: “O pathos da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ — eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’”.¹⁰ O juízo “bom” surge naturalmente de um sim a si mesmo. O forte apenas afirma-se como sua postura perante a vida e isto torna-se suficiente para que tudo que se espelhe nele e seja a favor dele seja “bom”:

[...] no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão — seu conceito negativo, o “baixo”, “comum”, “ruim”, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, “nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!”¹¹

Nota-se aí o significado desse pathos da nobreza: é de fato, esse distanciamento do que lhe é oposto, por um desprezo ao seu contrário, um manter apartado e abaixo o que não lhe pertence. De maneira conclusiva, cabe dentro da moral dos nobres o juízo “bom” como uma afirmação de si, ou seja, tudo que contemple e reverencie o homem superior foi primeiro visto como “bom” involuntariamente e por contradição e distanciamento, aquilo que lhe era contrário em força, vigor, saúde, e indignos de pertencer a casta dos grandes homens foi tido como “ruim”. Consolidou-se, assim, os juízos “bom” e “ruim”, um como sinônimo de força e o outro respectivamente como sinônimo de fraqueza dentro da moral dos senhores, ou nas palavras do próprio Nietzsche: “nobre” e “desprezível”.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §2.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §10.

2.2 OS APRECIADORES DA VIDA

De certo, sua constituição forte, o coloca acima de homens fracos; sua impiedade destroça os covardes; o seu encarar a vida como ela é coloca abaixo deles os que têm medo da vida de modo geral. Historicamente ser “bom” foi por muito tempo ser superior e isso molda uma forma de viver. Homens pertencentes a uma estirpe superior se destacaram desde o início da humanidade por sua natureza feroz, encontrando em povos mansos e pacíficos formas de subjugar tal natureza vulnerável. Há o exemplo de algumas nobrezas, como a romana, a dos heróis homéricos, a dos vikings, que têm em comum serem considerados bárbaros.

Até com seus inimigos nota-se a presença de uma elevação, pois buscam neles um pôr-se à prova. Quem enfrenta um indivíduo forte e disputa força com ele é tido como honroso. Quanto maior o espírito de liderança, maior o prestígio, quanto mais justa a disputa, melhor são os adversários. Não há um sentimento de raiva, mas sim um estímulo para tornar-se cada vez melhor, pois: “quanta reverência aos inimigos não tem um homem nobre!” São tomados por um “amor aos inimigos”¹² pois neles vêm a disputa que só é possível pela equidade no enfrentamento e uma vez encarada só provará sua superioridade, sua elevação entre os homens.

O tipo nobre de homem, para além de seu vigor, tem um viver que corrobora com sua classe. A ideia de ter a vida como uma dádiva, e vivê-la a partir do que ela oferece é um quesito de inteira importância para entender a ideia que Nietzsche tem de superioridade. A forma que a aristocracia se integra e se entrega ao viver está diretamente relacionada com a sua autonomia, ou seja, a concepção de um povo bárbaro estava muito mais ligada a uma forma de se agarrar a vida do que puramente a crueldade.

Homens de ação: assim são descritos aqueles que agem segundo sua vontade, prisioneiros apenas da ação. Fica exposto que grandes homens têm uma vida de afirmação assim como uma vida ativa e que estes são os pilares de uma grande nobreza. Nietzsche afirma: ser ativo é parte necessária da felicidade, é a parte orgânica da vida¹³. Tudo aquilo que se apresenta contrário a esse Sim triunfante dos nobres é negação da vida, pois aquilo que é vivo naturalmente tende a uma vontade de potência, mesmo que com o advento do

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §10.

¹³ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §10.

cristianismo, e principalmente na modernidade, isso não seja compreendido, devido ao domínio da moral compassiva.

É usado pelo filósofo o termo “função orgânica” da vida e descreve a vontade de potência, a vontade de torna-se sempre mais, “querer crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio”¹⁴ que, para ele, é princípio básico da vida. Qualquer moral que tenha a vontade como base envolverá grandes homens, e morais que enterram essa vontade de potência estarão sempre contra o que é o homem naturalmente.

Entender essa constituição física e psíquica dos detentores da moral nobre torna importante porque foi a partir dela que conceitos posteriores ganharam seu valor, como foi exposto claramente pelo filósofo:

É óbvio que as designações morais de valor, em toda parte, foram aplicadas primeiro a homens. e somente depois, de forma derivada, a ações: por isso é um grande equívoco, quando historiadores da moral partem de questões como “por que foi louvada a ação compassiva?”. O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abonado, ele julga: “o que me é prejudicial em si”, sabe-se como o único que empresta honra às coisas, que cria valores.¹⁵

As características dos homens superiores foram o que primeiro deu forma aos juízos “bom” e “ruim”, e assim posteriormente as ações puderam ser avaliadas. Foi então a constituição de homens de uma estirpe superior, e a partir do que eles eram, da posição que sua compostura os colocava, que seu poder senhorial de dar valores foi entendido e aplicado às ações que convergem com seus modos.

A pesquisa genealógica de Nietzsche tem por objetivo justamente fornecer fontes as mais seguras possíveis para conhecer as moralidades e seu desenvolvimento até chegar à forma que hoje conhecemos. A compreensão da aristocracia nobre e seus valores nos norteia no entendimento da moralidade, pois, a partir dela, também surge a moral escrava.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, §259.

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, §260.

3. SOBRE A MORAL ESCRAVA

Até aqui, foi exposta a primeira moral identificada por Nietzsche, por ele chamada de moral dos nobres, assim como o valor empregado através deles nos juízos “bom” e “ruim”. Mas, posterior a essa moral, surge outra, às vezes até com mesclas, mas predominantemente a moral que temos acesso e que justifica nosso julgar, e define sob qual perspectiva devemos avaliar a natureza: a moral escrava, segundo a designação de Nietzsche. É a partir da compreensão do papel da moral escrava no entendimento do homem que Nietzsche passa a abrir caminho para a sua filosofia e seu maior projeto, o da transvaloração de todos os valores.

Para melhor entender todo esse movimento, a supressão dos ideais superiores e a tomada de um ideal decadente, o autor investe na empreitada de revelar os pilares dessa inversão de valores. Em uma análise de seus textos, privilegiando a *Genealogia da moral*, há uma demarcação: seu trabalho genealógico se inicia com uma investigação do valor dos valores, sua preocupação é a de buscar uma base mais segura para a formulação de um conhecimento, ou seja, não procura respostas em conceitos já fechados, até dogmáticos, mas sim busca compreender a origem dos valores. Dentro da moral vigente, consegue evidenciar que está envolta por uma moral dos impotentes, mostrando os aspectos que nos prendem a adotar essa perspectiva e assumi-la como naturalmente nossa. Isso abre espaço para sua maior preocupação e, ao mesmo, tempo sua maior esperança, dependendo do rumo que o homem irá tomar, que coloca de um lado o domínio niilista, desenhado pela falta de sentido, do outro, o surgimento de homens superiores, capazes da transvaloração de todos os valores.

Deve-se compreender que ambas as morais expostas partem de um ponto de vista, assim como o nobre criou para si o juízo “bom”, o escravo tomou como sua essa criação de maneira inversa e criou para os que se mostram contrários a eles o juízo “mau”. É aqui que vemos a diferença entre uma moral e outra. Na moral dos impotentes é notável o êxito em não só se colocar numa posição superior assim como colocar aqueles que os ameaçam em força, poder, potência em um lugar inferior, predominando a imagem que o fraco faz do forte, através do ódio recriador de valores.

Por esse ponto de vista, segundo Scarlett Marton, “a maneira nobre de avaliar, que procede por autoafirmação, é necessariamente anterior à outra, que opera por negação

e oposição.”¹⁶ O “bom” em cada moral tem uma designação, ainda de acordo com a autora: “Uma vez que o primeiro surge de um movimento de autoafirmação e o último, de negação e oposição, eles não podem ser equivalentes.”¹⁷ O impotente precisou da moral nobre para se estabelecer, pois a moral escrava construiu seus juízos através da inversão dos valores aristocráticos. Temos, como exemplo, o fato de que, na elite, o oprimir e o subjugar eram práticas louváveis, pois demonstravam superioridade. É depois da inversão plebeia que essas práticas passaram a ser ações cruéis e egoístas que só poderiam partir de pessoas más, assim como os que se curvaram perante a violência eram os “bons”, pois sabiam controlar seus impulsos e entender que a “superioridade” era justamente saber sofrer.

A moral dos impotentes ocupa esse espaço posterior e pálido de negação e inversão, eis aí a fórmula criadora dessa moral: “já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ — e este Não é seu ato criador.” Os juízos “bom” e “mau” na moral dos escravos são justamente uma maneira encontrada de reavaliar e reestabelecer juízos já estabelecidos pela outra moral, a dos nobres, e funciona como uma “inversão do olhar que estabelece valores”.¹⁸ Desta maneira, “bom” aqui torna-se o compassivo e incapaz de retribuir e justamente o “mau” é aquele que, não podendo ser de outra forma, é forte e capaz de retribuir aquilo que o atinge. Essa reavaliação foi a maneira encontrada pelos que, unidos pela impotência, se juntaram de maneira gregária para condenar os superiores, assim garantindo sua conservação.

¹⁶ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 48.

¹⁷ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 46.

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §10.

3.1 A INVERSÃO DOS VALORES MORAIS

A condenação dos senhores e sua moral foi um processo no qual a espiritualização do homem foi fundamental; foi a partir de preceitos religiosos que a moral comum se cristalizou. Quando "bom" e "ruim" tornam-se inversamente "bom" e "mau", podemos visualizar o mais alto ato de vingança advindo do envenenamento da "alma". Os tempos da hegemonia nobre foram tempos de cultivo do ódio dos impotentes, que, desprezados e reduzidos a sua insignificância, se viram em papel desfavorável no curso da história escrita pelas grandes aristocracias. A inversão dos valores morais é exposta na *Genealogia* com o auxílio de três conceitos: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético. Esses conceitos explicam a consolidação e preponderância da moralidade servil.¹⁹

É relatado na *Genealogia da moral* o ressentimento como um sentimento gerado pela impotência. Nietzsche descreve os homens do ressentimento como aqueles que, incapazes de retribuição, buscam na vingança uma reparação. Entende-se que nada é mais perigoso que o ódio do impotente, pois ele é nutrido pelo ressentimento. Podemos retomar os nobres como contraexemplo: a vingança dos nobres não guarda rancor, pois eles são capazes do esquecimento; além disso, há neles o poder de retribuição. Assim, quando se vingam, é apenas como retribuição, externam seus sentimentos e não os guardam em seus corações. Podemos entender que o contrário sucede com os escravos. Como explica Marton:

Incapaz de aniquilar o forte, o homem do ressentimento quer vingar-se, mas, não podendo fazê-lo, imagina o momento em que sua ira se exercerá impiedosa e implacável; inventa a ocasião em que lhe será, finalmente, permitida a desforra. É da própria impotência que nasce e se alimenta seu desejo de vingança. É por isso que ressentimento nem mesmo é sinônimo de reação: justamente por ser impotente para reagir, ao fraco só resta ressentir.²⁰

Não podendo retribuir, cabe a ele ressentir. Para isso, criou uma tabela de valores, fruto da inversão dos valores, na qual "fraqueza é mentirosamente mudada em mérito" e

¹⁹ SOUSA, José. *Nietzsche e a grande saúde: notas sobre Genealogia da moral*, p. 28.

²⁰ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 47.

"a impotência que não acerta contas é mudada em bondade"²¹. Podemos pensar esse processo como uma fuga, assim como uma defesa, um ato de covardia: ao desvalorizar as ações nobres e colocá-las como intencionalmente más, sobram as ações compassivas consideradas louváveis.

Enganam-se de sua fraqueza, pois agora ela é vista como resiliência, e se colocam em posição segura, pois as ações contrárias à sua natureza tornam-se indesejáveis, e sua miséria passa a ser caminho para a boa-venturança. É mais cômodo criar um mundo no qual a impotência tem valor e, assim, renunciando ao mundo real, tirando seu valor, do que conformar-se com sua posição no mundo, pois, nesse mundo, o impotente não vigora. "O homem do ressentimento quer, ainda, transformar em força a própria fraqueza. Transmuta-a em virtude, pretendendo ser deliberadamente fraco, e atribui-se o mérito da renúncia, da paciência, da resignação."²², afirma Scarlett Marton. Entende-se assim a inversão dos valores nobres em valores escravos como uma maneira de justificar a fraqueza e dar méritos aos modos plebeus, buscando algum tipo de compensação.

O movimento de transvaloração se inicia com a força do ódio dos impotentes. O grande embate dessas duas morais, reconhecidas pelo autor, tem sua maior expressão em "Roma contra Judéia, Judéia contra Roma"²³. É aqui que o cristianismo dá seu maior golpe. Essa disputa concedeu ao homem comum sua vitória, o triunfo do povo judeu. Roma tinha seus ideais consolidados e a moral nobre e os valores aristocráticos vigoravam, enquanto a Judéia, com valores contrários, marca de todo ressentimento do gênero humano, a ponto de Roma os enxergarem como a própria antinatureza, buscava derrotar a prevalência romana. Essa vitória ecoa em quase todo o Ocidente através dos séculos e entende-se aqui o marco da maior derrota do gênero humano.

Mas o que levou Roma a fenecer foi o elo entre ódio e amor, ódio esse nutrido pelo ressentimento e o amor criado para validar essa inversão. Pensar num deus que, por amor, se sacrifica pelo homem é um requintado artifício. Jesus, o amor em forma de redenção, era a sedução para os valores judeus, a força atrativa de um Deus na cruz.²⁴ Esse foi o ponto alto da vingança dos impotentes. foi a partir daqui que a perspectiva do

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §14.

²² MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 47.

²³ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §16.

²⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, I, §8.

homem comum se enraizou em boa parte do mundo. Roma sucumbiu, e com ela os valores nobres, assim como a Judéia prosperou e com ela os valores sacerdotais.

3.2 CRISTIANISMO COMO VENENO

A inversão dos valores morais tem uma grande conexão com o cristianismo, os malogrados encontraram na religião cristã uma forma de disseminação e consolidação de seus ideais decadentes. A transvaloração escrava foi também e primordialmente um projeto de espiritualização do homem, em que por toda parte predominaram os valores cristãos

A vitória da Judeia sobre Roma não só nos apresenta apenas a vitória dos valores escravos, mas também a virada que pôs os homens a serviço de um Deus. Um novo ideal surge, uma nova forma de ser, novos princípios, agora mais castos, humildes e menores em todos os aspectos, principalmente em sua individualidade. Essa é a nova configuração do homem.

Scarlett Marton, ao debater a questão sobre Nietzsche ser um "demolidor do cristianismo", faz uma análise precisa sobre qual teria sido o papel do cristianismo dentro da história, sob a visão nietzschiana:

Criação do apóstolo Paulo, a religião cristã veio impor o reino dos fracos e dos oprimidos. Sobrepujando a aristocracia guerreira, os sacerdotes converteram a preeminência política em preeminência espiritual. Enquanto valor aristocrático, "bom" se identificava a nobre, belo, feliz; tornando-se valor religioso, passa a equivaler a pobre, miserável, impotente, sofredor, piedoso, necessitado, enfermo. Assim, a transformação dos valores é fruto do ressentimento de homens fracos, que, não podendo lutar contra os mais fortes, deles tentaram vingar-se através desse artifício.²⁵

A crítica à religião cristã é uma crítica à decadência dos homens, à supressão de seus impulsos naturais, já que a religião surge como transfiguradora, condicionando os homens à sua mais baixa configuração, ao seu crepúsculo. Além disso, foi o artifício que

²⁵ MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita*, p. 73.

deu importância aos valores dos fracassados, determinando que a ordem passe a ser "seja compassivo", a fortaleza dos fracos eleva-se. Responsável pela decadência, a vitória do homem comum pode ser entendida como um envenenamento do sangue. A crítica de Nietzsche posiciona o ideal sacerdotal, que a moral escrava impõe, como disseminador de valores decadentes.

A religião, segundo Nietzsche, prega uma figura, a do sacerdote, assim como um ideal que este propaga, o ideal ascético. O sacerdote assume o cargo de um tipo superior, do mais elevado entre os homens, que determina os conceitos de "verdadeiro" e o "não verdadeiro"²⁶. A figura do sacerdote assume o papel mais importante dentro do cristianismo, assim como em boa parte do mundo, pois, a partir dele, o ideal ascético torna-se inquestionável e acima de tudo ambicionado.

Mas o que seriam esses ideais ascéticos? "Para os deformados e desgraçados uma tentativa de ver-se como 'bons demais'; para o sacerdotal a característica de fé sacerdotal, seu melhor instrumento de poder, e suprema 'licença'".²⁷ Ou seja, para os fracos, esse ideal dá sentido e propósito, algo para preencher e dar sentido à existência, pois com ele torna-se "bom". Para o sacerdote, esses ideais lhe garantem sua hegemonia, acima de tudo a hegemonia de uma moral decadente. O ascetismo seria esse conjunto de regras morais que, por influência do sacerdote, leva os homens a reprimir seus instintos, sua vontade, pois só assim estariam no caminho para a salvação.

Algo latente na crítica aos valores morais vigentes é como a carência de sentido é entendida pelos homens. A vida, como sabemos, é repleta de declives e aclives, dor e prazer, sofrimento e felicidade, isso é algo comum aos homens, mas entender ao certo como somos atingidos por esses afetos é algo para o qual não temos uma resposta precisa. Não há um sentido e isso sempre foi um grande problema para a humanidade, pois os homens têm horror à falta de sentido, ainda mais quando se trata do sofrimento. Foi em cima deste grande problema, desta incompreensão, que o ideal ascético soube dar respostas, ou melhor, sentido à existência humana, a lacuna estava preenchida, o homem tinha um propósito e um porquê, uma finalidade.

²⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. §12.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, III, §1.

O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si o sofrer, ele o deseja, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um *sentido*, um *para quê* no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, *não* o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade — e o ideal ascético lhe ofereceu um *sentido*! Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o “*faute de mieux*” [mal menor] *par excellence*.²⁸

Essa angústia por sentido trouxe ao homem seu pior destino, o de abdicar da vida por crer em uma celestial promessa: a promessa de um mundo além do mundo, eterno e perfeito, idealizado, que faz do mundo real apenas um caminho. Esse sentido dado pelo sacerdote, mesmo que preencha a carência por sentido, age como veneno de maneira nociva à vida. Nietzsche, ao falar dos teólogos, empreende que “Seu mais fundo instinto de conservação proíbe que a realidade receba honras ou mesmo assuma a palavra em algum ponto”²⁹. É justamente o que ocorre. O cristianismo promete aos homens castos e mansos a eternidade do “mundo verdadeiro”. Todo sofrimento da vida agora tem um propósito, pois não é o sofrer que perturba os fracassados, mas sim a falta de sentido no sofrer. Logo, a ideia de que aguentar todo sofrimento de maneira domada é princípio básico para transcender ao “mundo verdadeiro” dá ao homem sentido:

Mas sofrer com a realidade significa ser uma realidade *fracassada*... A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a *causa* dessa moral e dessa religião fictícia: uma tal preponderância transmite a *fórmula* da *décadence*.³⁰

Foi em cima das questões humanas que o cristianismo e a moral plebeia consumaram sua vingança contra a estirpe nobre. A reinterpretação religiosa tornou fraco aquilo que era forte, o cristianismo deu o sentimento de poder aos impotentes, deu força a um imaginário. Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade, nada se não causa imaginária e efeitos imaginários, suas causas:

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, III, §28.

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*, §9.

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*, §15.

"Deus", "alma", "espírito"... e seus efeitos: "pecado", "perdão dos pecados", "salvação"... todos esses artifícios que afastam o homem da realidade e de sua verdadeira natureza.³¹

A grande questão para Nietzsche é que, por muito tempo, essa bem arquitetada e artimanhosa forma de valorar que nega a vida predominou. Ele não deixou de gastar argumentos para questionar esses valores que aceitamos como certos e necessários. A causa final "Deus" é marca da decadência humana. O cristianismo conseguiu tornar secundária a vida, a natureza, pois em primeira instância está "Deus".

"O mundo verdadeiro, inatingível, indemonstrável, impassível de ser prometido, mas já enquanto pensado um consolo, um compromisso, um imperativo."³² O cristianismo promete o que dá ao homem a confiança de uma vida plena, pois o pecado e todos os "efeitos imaginários" "fazem parte do mundo terreno. Longe do pecado, o mundo é "puro" e seguro para aqueles que seguem a doutrina cristã, a eles é destinado e reservado. "O mundo verdadeiro, inatingível por agora, mas prometido ao sábio, ao devoto, ao virtuoso ('ao pecador que cumpre a sua penitência')." ³³ Tratando a vida como se ela fosse uma ponte para outra, mesmo que seja desconhecido esse "mundo verdadeiro", até porque "o homem preferirá ainda querer o nada do que nada querer".³⁴

Podemos entender a necessidade de se crer em algo, principalmente se esse algo (Deus) for fonte de respostas que justifiquem a vida ser como ela é, mesmo que fora dessa tradição a natureza continue absurdamente se expressando como natureza e apenas o homem tenha agora causas imaginárias para fincar sua aflição. Estamos de frente com um entorpecimento dos homens, percebemos que o caminho de sociedades tomadas por valores religiosos só pode ser a decadência, cada vez mais inconfundível. É visível que, para Nietzsche, a excelência do viver nobre em relação ao escravo se dá no apego à vida, a essa que realmente temos. A escravidão está justamente em servir outro mundo, um glorificado mundo. O desprezo pela vida, essa é a maior arma dos ressentidos, com ele toda a baixeza foi tornada em boa-venturança.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*, §15.

³² NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*, IV, §3.

³³ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*, IV, §2.

³⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, III, §2.

3.3 MORAL DO COSTUME

Aqui, podemos colocar em questão outro dos alicerces presentes na conservação da moral escrava: a da moralidade do costume e os sentimentos morais presentes nos homens. Nietzsche trabalha essa ideia de maneira mais extensa em alguns de seus aforismos em *Aurora*. Neste momento, já podemos perceber sua intenção em trabalhar alguns conceitos importantes para a compreensão da moralidade. A ideia de costume e tradição são pontes para compreender os valores que empregamos aos juízos “bom” e “mau”.

A moralidade não é outra coisa senão obediência aos costumes, e os costumes são a maneira tradicional de comportar-se e julgar seguindo essa ordem tradicional.³⁵ Então, podemos, em um primeiro momento, entender a moral do costume como algo que se constrói mimeticamente através de inclinações que particularmente não nos pertencem, mas sim a uma tradição, e essa avaliação tradicional se estende até a forma como mensuramos o que é “bom” e “mau”. Scarlett Marton nos contempla com sua análise a respeito do tema da seguinte forma:

Na origem da vida em coletividade, estariam os indivíduos que, não sendo fortes o bastante para viver, tentaram simplesmente conservar-se. Atribuindo ao instinto de conservação importância maior que à vida, procuraram associar-se para, em pé de igualdade, enfrentar os mais fortes. Os costumes foram absolutamente indispensáveis para consolidar a organização gregária; de início, qualquer costume valeria mais que a ausência de costume. A ele, todos os indivíduos deveriam conformar-se — o que implica considerar a coletividade mais importante que o indivíduo.³⁶

Podemos destacar alguns pontos dessa análise: a necessidade dos mais fracos de se organizarem de forma gregária para assegurar seu bem-estar e a ideia da coletividade implicar a abdicação da individualidade; assim como o “costume” aparece como um aparelho indispensável para essa forma de organização social. Percebemos assim que a vida coletiva foi um marco para o desenvolvimento da moral do costume, o elo que leva o homem a priorizar mais sua comunidade do que a si.

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*, §9.

³⁶ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, p. 49.

Nietzsche, na segunda dissertação da *Genealogia da moral*, nos introduz a história da “má consciência”: aqui, ele relaciona a ideia de dívida à ideia de castigo, numa relação entre credor e devedor. Desde nossos estados originais existem os que podem arcar com suas dívidas e os que são incapazes, por muito tempo compensar uma dívida se resumiu a infligir dor ao devedor, como uma compensação, baseada na ideia de equivalência entre dano e dor, surge o castigo aos devedores. Com o passar da história, os homens presenciaram todo tipo de castigo, como o apedrejamento, o dilaceramento, o pisoteamento.³⁷ Já que o castigo se torna a forma mais satisfatória de um credor quitar seus danos, sua perda, grava-se na memória que não arcar com suas dívidas significa ser infringido por dor para pagar por sua falta de compromisso com sua promessa. Os fracos, como já vimos, são os mais suscetíveis à memória, e a imagem desses tipos de castigo foi capaz de reter alguns “não posso” a fim de evitar a dor da compensação da dívida. Assim sendo, o “peso na consciência” passa a agir como regulador do homem.

Desfrutar da vida em comunidade é, sem dúvida, um privilégio. “Vive-se protegido, cuidado, em paz e confiança, sem se preocupar com certos abusos e hostilidades a que está exposto o homem de fora”. Mas, para isso, há acordos que têm que ser entendidos, em vista dessa hostilidade. “O indivíduo se empenhou e se comprometeu com a comunidade”.³⁸ Como toda comunidade, existem contratos, normas e regras que devem ser cumpridos para a manutenção desse privilégio. Mas a vida em grupo trabalha os mesmos princípios do castigo aos que não arcam com suas dívidas, ou melhor dizendo, aos que não cumprem seus deveres como parte de uma comunidade. Elucida Barbosa:

O castigo então desempenharia um papel para despertar o sentimento de culpa: pois aquele que é castigado (há várias formas de castigar!) teria sua vida (em sociedade) dificultada em vários aspectos. Então, o homem passa a reprimir os instintos básicos de sua constituição pois percebe nisso uma potencial transgressão àqueles os quais podem lhe castigar.³⁹

Entendemos, aqui, que a coletividade se torna mais importante que a individualidade e que a sociedade é esse aparelho inibidor da natureza humana, que torna

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, II, §3

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, II, §9

³⁹ BARBOSA, Lucas. *Nietzsche e a proto-genealogia de aurora*. p. 200

o homem constante e com ações comuns. Ser “mal” é justamente ser individual, imprevisível, não seguir o regulamento. A individualidade é contrária ao contrato coletivo e ser contrário à “lei” e à “ordem” é o mesmo que quebrar com o contrato. Sem o pacto, não há privilégios, estando o indivíduo sujeito a ser acometido por qualquer tipo de hostilidade. Já ser “bom” é ser passional, reto, previsível, dotado de boa vontade, é garantia de segurança. Há uma coerção para ser bom e reto, pois isso implica diretamente na posição que ocupa e na garantia de que não sofrerá.

Fazemos escolhas tendo em vista justamente esse bem-estar. Nasce o animal de rebanho. Essas escolhas, no princípio, tinham conexão direta com a segregação dos que eram individuais. Com o passar do tempo, essas escolhas aparecem como inatas, algo que escolhemos porque é “bom”. A lei da moral dos escravos cunhou alguns princípios a serem seguidos em prol da vida comunal, desencadeando no homem sentimentos morais, que é essa necessidade que temos de seguir esses costumes de maneira inquestionável. Esse sentimento faz com que sigamos automaticamente a moral vigente. Quando avaliamos uma situação moralmente, é seguro afirmar que a avaliamos através de preceitos cuja origem e real significado desconhecemos. Isso porque somos tomados por esses sentimentos de que o “bom” nos trará segurança e o “mau” nos trará dor. Nietzsche explica que os sentimentos morais nos alcançam da seguinte forma:

Claramente os sentimentos morais são transmitidos deste modo: as crianças percebem, nos adultos, fortes inclinações e aversões a determinados atos, e, enquanto macacos natos, *imitam* essas inclinações e aversões. Depois, em sua vida, quando se acham plenas desses afetos aprendidos e bem exercitados, acham questão de decência um ‘Por quê?’ posterior, uma espécie de fundamentação para as inclinações e aversões. Mas essas “fundamentações” nada têm a ver com a origem ou o grau do sentimento: o indivíduo apenas acomoda-se à *regra* de que, enquanto ser racional, precisa ter razões para ser a favor ou contra, razões apresentáveis e aceitáveis.⁴⁰

Assim, facilmente conseguimos separar o “bom” do “mau”. Aquilo que nos foi inculcado desde a infância, o acordo geral do que é bom e do que é ruim, principalmente frente a uma sociedade, é o que permanece como sustentação e garantia do funcionamento da comunidade. Independentemente de quanto isso pode ser nocivo para a sua

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*, §34

individualidade, você segue à risca as normas gerais, seguramente as tendo como favoráveis à sua vida. É observável que os sentimentos morais propiciam a manutenção do valor dos juízos. Direcionar os valores bons e maus a uma ação se relaciona com esses sentimentos que desde a infância nos são imputados por herança. De certa forma, esses juízos pertencem mais a nossos avós do que a nós mesmos.⁴¹ Assim sendo, quanto mais se sacrifica a individualidade, mais moralizada se torna a comunidade, como nos afirma Barbosa:

Num estado original tudo era dominado pela moralidade, ou seja, pela obediência aos costumes; e a esses costumes não era lícito agir pensando apenas em si como indivíduo: primeiramente, devia-se beneficiar a comunidade como um todo, devia-se providenciar que seguisse vigorando com toda força os costumes.⁴²

Atribuindo ao instinto de conservação importância maior que à vida, eis aqui a grande problemática que Nietzsche critica na moral: a ideia de apequenamento do homem, em prol de um costume, uma tradição seja ela ritualística, social ou religiosa. “Qualquer costume é melhor que nenhum costume”⁴³, assim como “o homem preferirá ainda querer o nada do que nada querer”. Notamos que Nietzsche nos apresenta uma sentença comum, a de que o homem precisa estar conectado com algo para se entender como homem, para fugir do absurdo, e algo se apresenta com clareza: que os homens carecem de significados. É a incompreensão da natureza que os leva a se apoiar em costumes, sejam tradicionais por herança ou religiosos por símbolos fantasiosos.

⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*, §35

⁴² BARBOSA, Lucas. *Nietzsche e a proto-genealogia de aurora*. p. 188

⁴³ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*, §16

CONCLUSÃO

O trabalho de análise dos textos de Nietzsche nos leva a reconhecer os movimentos no decorrer da história, que, por um olhar não-filosófico soaram por muito tempo como inatos e associados a uma utilidade. O reconhecimento da história e do perspectivismo para o entendimento da moral nos traduz não só a formação dos juízos nobres e escravos, mas o que eles significam psicologicamente para o homem, até que ponto pode ser libertador ou impeditivo

Nietzsche não só revela a realidade, mas critica e propõe uma nova visão, um novo ponto de vista, uma visão que contempla nossa vontade de potência, ou seja, favorável à vida, àquela que contempla o *amor fati*, à poética forma de entender e aceitar cada acontecimento da vida. Independente das interpretações que seus aforismos possam ter, qualquer leitor pode sentir o gosto de suas palavras, e compreender a razão pela qual Nietzsche escreve.

A experimentação de um novo olhar é o que ecoa de suas obras, é trabalho do filósofo estar disposto à diversidade de perspectiva e usá-la a favor de seu conhecimento. Conceitos fechados acabam por limitar nosso conhecimento a uma só direção, um olhar ativo e atento é o que precisa um filósofo que já não mais se apoia em algum tipo de ascetismo. A filosofia precisa se envolver na realidade e não se colocar num lugar absoluto, e não poderia outro pensador ter ficado conhecido por filosofar a marteladas senão Nietzsche, pois o criticismo nietzschiano possibilitou o questionamento de tradições não só religiosas como a moral sacerdotal que foi analisada neste trabalho, mas também tradições filosóficas, que em muito corrobora para domesticação da vontade e fuga da realidade.

Conseguimos compreender através dessa pesquisa alguns pontos não só sobre o característico filosofar de Nietzsche, seus traços críticos, sua autêntica escrita, sua conexão com a realidade, sua surpreendente busca por fontes as mais seguras e racionais, assim como aspectos fundamentais de seus pensamentos como a moralidade, a visão de uma humanidade enfraquecida, a inversão que, além da vitória dos “judeus”, acarretou a perda da humanidade de sua natureza, sua interpretação da coletividade, do costume, do cristianismo, a constituição nobre, assim como a constituição escrava.

O ataque direto de Nietzsche circunda as esferas normativas e suas formas disciplinares, seja por leis, costumes ou religiões. Os homens cada vez mais se desconectam com sua real natureza, que é opressora, pois Nietzsche descreve a vida como: “essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação e no mínimo e mais comedido, exploração”⁴⁴ O que talvez, se encarado por uma perspectiva que não seja a nobre, pode parecer reducionista, mas talvez porque estamos tão próximos e envolvidos pela moral dos impotentes que qualquer ideia violenta torna-se contrária ao que entendemos como viver, principalmente em sociedade. Se olharmos a natureza no geral, a ideia de predador e presa está em todas as suas esferas, como motriz de um equilíbrio, e o homem parece escapar à natureza. Mas esse não é o caso, esse falseamento da moral do ressentimento esconde os verdadeiros impulsos de vida, a inexplicável vontade de potência.

Há uma questão fundamental no trabalho genealógico proposto por Nietzsche, que o afasta de qualquer outro genealogista de sua época, que é o interesse de saber: o que essas morais significam quando pesadas em relação à vida? Qual o peso da moral escrava e nobre, quando estudadas, significam ascendência ou declínio? É possível ver se são saudáveis ou doentes? Estas são questões que emergem dos seus trabalhos, Nietzsche não sobrepõe diretamente uma moral à outra, ele demonstra os caminhos que cada uma leva e o que elas significam para a vida, para a humanidade.

Cabe aqui a intenção de inclinar-se sobre seus estudos, que ainda hoje, como já previa o filósofo, ao declarar-se como póstumo, trazem reflexões importantes nos círculos filosóficos, com a expectativa de cada vez mais seja compreendida sua filosofia, seu pensar. Apesar de toda descaracterização de Nietzsche, como filósofo e precursor de um novo olhar filosófico, crítico, mas ao mesmo tempo amplo e desejoso, seus trabalhos são sustentáculos contra todo mal-entendido, integrar-se com seus textos e conectá-los é o melhor caminho para compreender esse filósofo que já previa que por muitos seria incompreendido.

⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, §259

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Lucas Romanowski. “Nietzsche e a proto-genealogia de *Aurora*: a moralidade do costume e os sentimentos morais”. In: **Primeiros Escritos**, São Paulo: n.10, 2020, p. 181-205. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosescritos/article/view/155691/160809>. Acesso em: 18/05/24.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche, filosofo da suspeita**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- NIETZSCHE, F.W. **A gaia ciência**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 147-288.
- _____. **Além do bem e do mal**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.153-179.
- _____. **Aurora**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Ecce homo**. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Humano demasiado humano**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. Tradução, nota e posfácio de Paulo César de Souza, 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016, p. 9-80.
- SOUSA, José Elielton de. “Nietzsche e a grande saúde: notas sobre Genealogia da moral” In: **Controvérsia**, Vol. 7, nº 2, mai-ago. 2011, p. 25-38. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/5224>. Acesso em: 18/05/2024.